
PROFESSOR E INTERNET: A CONCEPÇÃO DE PESQUISA ESCOLAR EM AMBIENTES INFORMATIZADOS¹

Luciano Roberto Rocha²
Gláucia da Silva Brito³

RESUMO

O presente estudo analisa as concepções de pesquisa que permeiam o trabalho de professores quando propõem atividades utilizando a internet como fonte de informação. O estudo buscou compreender os motivos que levam alguns professores a manifestar uma visão reducionista de pesquisa, tomada como mera cópia, síntese, reprodução ou repasse de conteúdos, sem que se reflita de forma crítica sobre a sua real importância na prática docente. A investigação foi realizada com doze professores de um colégio particular do município de Castro, no Estado do Paraná, localizado a aproximadamente 150 quilômetros de Curitiba. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário e posterior realização de entrevistas semi-estruturadas. Apesar de todos reconhecerem a importância da pesquisa no processo educativo, os depoimentos revelaram pontos incoerentes entre o conceito de pesquisa e as práticas refletidas em suas ações docentes. Os significados que emergem dos depoimentos dos professores sobre a pesquisa em sala de aula parecem demonstrar que, embora exista o interesse e a compreensão da importância da pesquisa para o processo educativo, existe uma grande dificuldade em viabilizar, na prática, ações que realmente reflitam o caráter emancipatório da pesquisa. O estudo mostrou, ainda, que a transformação na concepção de pesquisa é fundamental para que os sujeitos consigam explorar melhor qualquer recurso tecnológico na prática educativa.

Palavras-chave: concepção de pesquisa, formação de professores, tecnologia na educação.

A PESQUISA ESCOLAR EM TEMPOS DE MUDANÇAS

A discussão sobre os possíveis caminhos que a sociedade tende a trilhar nesse início de século inclui necessariamente a presença das tecnologias de telecomunicações e informática. Qualquer que seja a posição adotada em discursos sobre os rumos a serem seguidos, vai nos obrigar a estabelecer uma relação com esses novos mecanismos de produção e difusão de informação e conhecimento. Com o advento da informática, as investigações sobre as possíveis aplicações dos computadores na educação tornaram-se objeto de muitas pesquisas, principalmente em ambientes acadêmicos.

Entendemos não se tratar apenas de um simples modismo ou de uma mera apropriação do desenvolvimento tecnológico, pois, a partir da inserção das chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na educação, uma nova visão de mundo está sendo criada.

¹Texto apresentado no "IV Seminário Internacional As Redes de conhecimentos e a tecnologia: práticas educativas, cotidiano e cultura", realizado na UERJ de 11 a 14 de junho de 2007.

²Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professor titular do Centro Educacional de Castro e membro do Departamento de Tecnologia da Prefeitura Municipal de Castro.

³Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora adjunta da Universidade Federal do Paraná.

Entretanto, esse processo não se efetiva de forma regulada, linear e constante. Em geral, a inserção de uma nova tecnologia em um ambiente tão tradicional como o da escola é permeado por inúmeras contradições, pois discutir sua eficácia obriga-nos a adotar uma visão múltipla, aberta e amplamente complexa das conseqüências da sua implantação, permitindo um número infindável de interpretações e de entendimentos.

O espaço escolar tem demonstrado a tendência de manter-se à margem das significativas inovações tecnológicas e os recursos pedagógicos têm permanecido, ao longo das décadas, quase que inalterados – o quadro de giz e o livro didático ainda são os principais suportes pedagógicos utilizados – e nesse cenário, grande parte dos professores ainda tem dificuldades em integrar as novas tecnologias ao seu cotidiano docente.

Com o cenário da inovação tecnológica presente no ambiente escolar, face às transformações sociais e, conseqüentemente, da universalização do acesso à informação, novas são as exigências em relação à educação. É preciso formar pessoas capazes de lidar com problemas a respeito dos quais ainda não temos idéia, a lidar com o inesperado e com a incerteza (MORIN, 2000).

Neste contexto de inovação, considerar a pesquisa como pressuposto pedagógico é sempre uma opção pautada pela liberdade de escolha e pela crença em uma ação educativa alicerçada na atividade conjunta dos sujeitos participantes.

Essa opção exige o abandono das crenças orientadoras da caracterização do professor como detentor de um saber e a personificação do estudante como aquele que não sabe e precisa saber, “... os professores detêm o saber de uma leitura unívoca, isto é, daquela de que a leitura do aluno é puro eco” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 57).

Optar pela prática da pesquisa não é simples, implica em quebrar as enraizadas formas de agir e, sobretudo, de pensar a educação. Hoje se busca o desenvolvimento da inteligência de forma coletiva⁴, a partir das vivências do grupo, das trocas e de aprofundamento.

Uma cultura tecnológica de base também é necessária para pensar as relações entre a evolução dos instrumentos (informática e hipermídia), as competências intelectuais e a relação com o saber que a escola pretende formar. Pelo menos sob esse ângulo, as tecnologias novas não poderiam ser indiferentes a nenhum professor, por modificarem as maneiras de viver, de se divertir, de se informar, de trabalhar e de pensar. Tal evolução afeta, portanto, as situações que os alunos enfrentam e enfrentarão, nas quais eles pretensamente mobilizam e mobilizarão o que aprenderam na escola. (PERRENOUD, 2000, p. 41)

Nesse contexto, a pesquisa escolar passa a ser a prática que mais é influenciada pela mudança do paradigma puramente empirista, que vê no professor o centro da transmissão do conhecimento. Diante dessa realidade, o professor passaria a ser definido como “... orientador do processo de questionamento reconstrutivo.” (DEMO, 2003, p. 78) que permitiria aos estudantes alternar entre os recursos disponibilizados, “ultrapassando os rígidos livros-texto para recursos de informações que transformem os conteúdos, gerados pelos próprios indivíduos, produzindo conhecimento.” (CHESNEAUX, 1995, p. 14)

Segundo Martucci et. al. (2000, p. 32), "há quase três décadas, a pesquisa escolar foi incorporada ao ensino fundamental e médio como uma metodologia de ensino voltada à ampliação e enriquecimento dos conteúdos curriculares". Assim, a pesquisa assume uma importante função na

⁴Termo utilizado por Lévy (1993).

educação, que é a de preparar cada estudante para uma participação responsável na construção do saber.

Apesar da sua importância, a pesquisa no ambiente escolar de maneira geral não tem sido objeto de muita reflexão. Os tradicionais modelos educacionais, centrados em currículos fragmentados, em memorização e transmissão de informações, transformaram tarefas de pesquisa escolar em simples compilações de texto. (KAMPPFF e DIAS, 2003)

Demo (2003, p. 37) refere-se à pesquisa como “capacidade de questionamento, que não admite resultados definitivos”. Nesse contexto, a função de pesquisa necessita ser entendida como um “agente de construção do conhecimento”, visto que a sua capacidade de questionamento não admite a simples transmissão de informações, mas, em primeiro lugar, questiona o conhecimento antes de sua aceitação passiva.

Reitera-se, assim, o argumento de que a pesquisa contribui com a emancipação do indivíduo, já que a construção do conhecimento é individual e constitui-se, portanto, num processo interior, que se consolida por meio do questionamento da realidade que lhe é mostrada.

Para Demo (2003), tal é a importância da pesquisa como contribuinte imprescindível do processo emancipatório do indivíduo, que não deve ser exclusividade de uma população privilegiada, imersa no universo acadêmico. “Pesquisa precisa ser internalizada como atitude cotidiana, não apenas como atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais. Ao contrário, representa, sobretudo, a maneira consciente e contributiva de andar na vida, todo dia, toda hora. Seu distintivo mais próprio é questionamento reconstrutivo.” (id., p. 10)

Dessa forma, Freire (1982) diz que a pesquisa deve fazer parte da didática educacional desde a educação básica, tanto como ferramenta de uma prática diferenciada de estudo, como agente de emancipação do indivíduo.

Manter a exclusão da pesquisa, como princípio educativo, do universo escolar e restringir o seu acesso a uma parcela privilegiada, considerada “acadêmica”, seria negligenciar uma didática educacional que apóia a proposta da construção do conhecimento e, em contrapartida, a sua própria transmissão. É nesse sentido que a didática proposta por Freire (id., p. 36) questionou:

... até que ponto a escola primária – mas não só ela; a média, a universitária também – vem insistindo, com seus rituais, com seus comportamentos, em estimular posições passivas nos educandos, através dos seus procedimentos autoritários. É o autoritarismo do discurso, por exemplo, e no discurso da professora e do professor. É o autoritarismo da transferência de um conhecimento parado, como se fosse um pacote que se estende à criança, em lugar de se convidar a criança a pensar e a aprender a aprender. Em lugar disso, o que se faz é docilizar a criança, para que ela receba o pacote do conhecimento transferido...

Para Demo (2003, p. 9) o aluno deveria ir à escola não para assistir à aula, mas para pesquisar, compreendendo-se por isso que sua tarefa crucial é ser parceiro de trabalho, não simples ouvinte domesticado. “A pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade. Incluindo a prática como componente necessário da teoria, e vice-versa, englobando a ética dos fins e valores”. (id, p. 8)

Com o surgimento da internet promovendo a universalização da informação, a pesquisa no momento atual está, também, passando por “inovações” na escola: “Com o auxílio dessa tecnologia, qualquer estudante teria acesso às bibliotecas de todo o mundo para pesquisar sobre um determina-

do assunto, assim como a grupos de interesse nos quais milhares de pessoas debatem diversos temas". (MACEDO, 1997, p. 52).

Para Moran (2003, p. 12), a prática de pesquisa é apenas um dos diversos fatores que podem ser explorados por meio da internet:

O professor pode iniciar um assunto em sala de aula sensibilizando, criando impacto, chamando a atenção para novos dados, novos desafios. Depois, convida os alunos a fazerem suas próprias pesquisas, – individualmente e em grupo – e que procurem chegar a suas próprias sínteses. Enquanto os alunos fazem pesquisa, o professor pode ser localizado eletronicamente, para consultas, dúvidas. O professor se transforma num assessor próximo do aluno, mesmo quando não está fisicamente presente. (...) A aula se converte num espaço real de interação, de troca de resultados, de comparação de fontes, de enriquecimento de perspectivas, de discussão das contradições, de adaptação dos dados à realidade dos alunos. O professor não é o "informador", mas o coordenador do processo de ensino-aprendizagem. Estimula, acompanha a pesquisa, debate os resultados.

O modelo tradicional de coleta de informação para auxiliar a pesquisa escolar, antes da chegada da internet, traduzia-se, na maioria dos casos, na recuperação de informações da mídia impressa. Na medida em que ocorreu o avanço das tecnologias de informação e comunicação e, principalmente, com a popularização da internet, a busca de informação *on-line* passou a ser adotada como sinônimo de “pesquisa escolar”.

Entretanto, ao mesmo tempo em que essa novidade produz algumas implicações de caráter metodológico no campo educacional, o que verificamos é que a concepção de pesquisa, enquanto simples coleta e compilação de informações, permanece na maioria dos casos imutável, mesmo frente a um novo cenário tecnológico, incorrendo-se no risco de adotar a mesma atitude mecânica e unidirecional de leitura passiva, simplesmente “maquiando-se” com aspectos da modernidade uma velha prática pedagógica.

Brito e Purificação (2005, p. 75-86) identificam a “pescópia” na internet como um dos grandes problemas que emergiram com o avanço tecnológico representado pela introdução de novas tecnologias nas escolas. “Os alunos simplesmente acessam a internet, copiam e colam num editor de texto uma dada informação, entregam a seus professores como se tivessem realizado uma pesquisa e, na maioria dos casos, nem leram o que copiaram”.

As autoras destacam essa atitude aliada ao uso de ferramentas de pesquisa na internet, entretanto reconhecem que a prática da pescópia é anterior ao advento da *Web*, podendo ocorrer em qualquer meio, seja ele eletrônico ou impresso, constituindo-se, portanto, não de um problema advindo do recurso utilizado, mas sim de uma complexa relação legitimada por um sistema baseado na memorização e na imitação, por meio do qual, segundo Demo (2003, p. 38) “A ‘cola’ é muitas vezes a resposta merecida para a aula copiada”, pois em geral as atividades de pesquisa solicitadas pelo professor não requer do aluno um comprometimento que vá além de uma leitura reprodutiva ou cópia imitativa, não exigindo o raciocínio, o questionamento, a interpretação e a compreensão do sentido de um texto ou assunto. (id., p. 24)

Como alternativa para superar o comportamento imitativo e reprodutivista que se transfere para os meios informacionais, Brito e Purificação (2005) identificam na concepção e compreensão do que é “pesquisa” o fator necessário para uma ação inovadora:

Acreditamos assim, que a ação pedagógica vinculada à atividade de pesquisa deve “passar” pela compreensão do que é pesquisa. Pois, simplesmente receber o trabalho do aluno, ler e devolver não “cabe”

mais para a educação do presente, isto não é inovar a ação pedagógica. Porque pesquisa-se para conhecer o que ainda não se conhece e necessariamente passa por um comunicar ou anunciar a novidade de uma forma dialógica. (...) Nesse processo o professor se percebe e se faz pesquisador, e de forma espiralada desenvolve ações pedagógicas que proporcionem ao educando reelaborar o seu saber.

Macedo (1997, p. 53) destaca que a utilização da internet tem apresentado outros problemas na prática da pesquisa escolar. Entre os quais a autora menciona:

- a) As dificuldades de aquisição e de uso dessa tecnologia por parte da escola;
- b) O risco do processo de pesquisa tornar-se uma contínua busca de informação;
- c) A valorização das informações recuperadas como verdades absolutas.

Apesar dos problemas acima mencionados serem fatores que merecem muita reflexão e cuidado, a autora afirma que muitas são as vantagens para os docentes que pretendem utilizar a internet na pesquisa escolar:

...O acesso mais rápido ao conhecimento[?] têm feito com que os bancos de dados computadorizados se transformem no instrumento ideal de pesquisa. A possibilidade de comunicação remota dos dados contidos nesses bancos, através de redes internacionais como a Internet, faz com que a contribuição da máquina à pesquisa seja ainda maior (...) Parece-nos ser essa a utilização mais promissora do computador na escola. (id, p. 52)

Outro ponto que merece destaque é que a pesquisa pode ser enriquecida por variadas informações sobre o seu objeto de estudo. Segundo Mello, citado por Martucci et. al. (2000, p. 3), "nas sociedades contemporâneas, a informação e o conhecimento se tornam disponíveis a um número cada vez maior e mais diversificado de pessoas". Entretanto, Brito e Purificação (2005) destacam que a internet não pode ser considerada apenas como um local virtual onde há dados e informações disponíveis, e atentam para os desafios que o professor engajado em educar no século XXI precisa enfrentar:

Faz-se necessário que o professor saia de uma atitude de *distanciamento alienado* em que barreiras de ordem psicológicas, epistemológicas e materiais o impedem de perceber as potencialidades da internet na educação, ultrapasse assim, a atitude de *descrença pedagógica* para chegar numa atitude de *abertura* em que ele, professor, se predisponha a buscar e interrogar as possibilidades deste recurso na sua ação pedagógica. Isso o levará a recorrer a uma nova forma de integrar essa ferramenta na sua ação pedagógica e com ela interagir num processo de comunicação com seu aluno, buscando a formação de um sujeito para um mundo em transformação e que exige uma atitude de *engajamento*.

Para as autoras, "a internet veio para mexer com os paradigmas educacionais, em que não cabem mais arbitrariedades de opiniões, linearidade de pensamento, um único caminho a ser trilhado". (Brito e Purificação, 2006, p. 94) Concordamos com as autoras quando vêem no papel do professor a possibilidade de inovação frente ao cenário de "progresso tecnológico" em que a sociedade atual se encontra. Torna-se imperativo recorrer a uma nova forma de integrar a internet na ação docente, como meio para buscar a formação de sujeitos capazes de responder criticamente aos desafios de mundo em transformação, pois "as informações chegam sob diferentes óticas, e cabe ao insubstituível professor a análise junto com seus alunos de um descortinar de 'verdades' ". (ib.)

O PROFESSOR E A CONCEPÇÃO DE PESQUISA NA ESCOLA

Com o propósito de se obter um panorama de como se configura a concepção de pesquisa que o professor manifesta, explícita ou implicitamente, em suas respostas e como se estabelece a relação dos sujeitos com as práticas de pesquisa na sua ação docente, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com um grupo de 12 professores do ensino fundamental e médio de um colégio particular localizado no município de Castro no Paraná, localizado à aproximadamente 150 quilômetros de Curitiba.

Procurou-se identificar por meio de um questionário o perfil dos sujeitos e as condições que determinavam sua rotina de trabalho, como também levantar alguns pontos-chave para o desenvolvimento do estudo. Para isso, no primeiro encontro foi aplicado o questionário intitulado “A pesquisa em sala de aula: Como educar pela pesquisa?”.

Como elementos para nossa análise, o questionário buscou levantar o seguinte:

- a) os métodos pedagógicos que os professores priorizam em suas aulas;
- b) a frequência com a qual indicam ou desenvolvem trabalhos de pesquisa em suas disciplinas;
- c) os espaços utilizados por eles para a pesquisa;
- d) os recursos recomendados preferencialmente pelos professores para a realização de pesquisas;
- e) as práticas adotadas pelos professores para orientar os seus alunos antes ou durante a pesquisa;
- f) a concepção de pesquisa e sua relação com a *WebQuest*.

Consideramos importante detalhar os elementos acima, analisando as respostas dos sujeitos ao questionário e os discursos coletados durante as entrevistas, para entendermos como são conduzidas as práticas de pesquisa no cotidiano dos docentes que participaram dessa investigação.

a) Os métodos pedagógicos priorizados pelos professores

A primeira questão respondida pelos sujeitos demonstra a maior frequência de momentos expositivos durante as aulas que os professores participantes da pesquisa ministram:

1. Classifique em ordem de freqüência os métodos mais utilizados por você durante suas aulas?

Professor ->	RGH	CC	RLO	ANM	MIPM	RCBS	SMCD	VPRR	VD	DCF	MRT	FA
Aulas expositivas com ou sem utilização de recursos audiovisuais.	1	1	1	1	1	2	4	1	1	3	2	1
Leitura e discussão de textos.	2	3	2	2		1	1	2	2	2	1	2
Realização e correção de ditados de palavras.	5	5		5		4	5	5	5		3	
Realização de pesquisa em biblioteca, internet e/ou outros ambientes.	4	2	4	3	3	5	2	3	4	5	5	4
Aplicação e correção de exercícios.	3	4	3	4	2	3	3	4	3		4	3
Aulas práticas/Saídas em campo/Visitas					4					1		

Para Becker (2001, p. 16-17) o professor opta por um método diretivo porque acredita que o conhecimento pode ser transmitido para o aluno. “Ele acredita no mito da transmissão do conhecimento – do conhecimento como forma ou estrutura; não só como conteúdo. (...) O professor considera que seu aluno é tábula rasa não somente quando ele nasceu como ser humano, mas frente a cada novo conteúdo estocado na sua grade curricular ou nas gavetas de sua disciplina.”.

Segundo o autor, esse tipo de ação é legitimada por uma epistemologia fundamentada nas bases do empirismo, segundo o qual o sujeito é totalmente determinado pelo mundo do objeto ou pelos meios físico e social. Quem representa este mundo, na sala de aula, é, por excelência, o professor.

A partir desse entendimento, é de se esperar que as aulas expositivas sejam ainda a preferência da absoluta maioria dos professores.

É importante destacar que não desconsideramos a importância da exposição de assuntos ou de conteúdo por parte do professor, o que procuramos identificar nessa questão é o fato de a aula expositiva ser extremamente priorizada em detrimento de outras abordagens em todas as áreas e matérias, inclusive em disciplinas onde poderia ser explorada de forma diferenciada como são os casos da Educação Artística e da Filosofia.

A leitura e discussão de textos também é um método bastante utilizado pelos sujeitos. Quando indagados sobre que tipos de textos são usados, os professores quase sempre citam a apostila que o colégio utiliza, ou os livros disponíveis na biblioteca.

Para Martín-Barbero (2004, p. 58), a forte opção que a escola manifesta com relação ao livro-texto conduz o sistema educativo inteiro a negar a importância do que chama de “transformação dos modos de ler”, ou seja, a profunda reorganização das linguagens e das escritas com suas conseqüentes modificações na percepção do espaço e do tempo vividas pelas crianças e adolescentes que encontram o acesso à informação em outras mídias que não as impressas.

Demo (2003, p. 27) reitera que o livro didático, (e no nosso caso, a apostila) ainda é um instrumento importante no “manejo do conhecimento disponível” e constitui apoio importante ao processo de aprendizagem, desde que elaborado com a devida qualidade. Para o autor, “esta qualidade está, sobretudo, em não instilarem a expectativa fátua de receitas prontas, simplificações rebaixadas, reproduções sistemáticas.” E continua:

Torna-se essencial que cada escola tenha sua biblioteca sempre renovada, com livros, enciclopédias, livros didáticos de toda sorte, vídeos e filmes, dados importantes sobre a realidade nacional, regional e local. Além de material ligado às necessidades curriculares (alfabetização, disciplinas usuais previstas, é mister ter uma série de apoios importantes como obras sobre propedêutica, enciclopédias e dicionários, literatura em geral, revistas informativas etc.) (ib.)

Na tabulação dos dados referentes à questão 1, observa-se que a “aplicação e correção de exercícios” também é uma prática costumeira, porém mais aplicada nas disciplinas pertencentes à área das ciências exatas como a matemática.

b) A frequência dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelos professores em suas disciplinas

Um importante fator observado na primeira questão é que as atividades de pesquisa foram apontadas em sua maioria como quarta ou quinta opção de trabalho pelos sujeitos da pesquisa. Nesse aspecto observa-se uma inconsistência nas informações prestadas por grande parte dos sujeitos que, logo na questão seguinte, declararam fazer pesquisa com os alunos quase sempre ou sempre.

2. Você indica ou desenvolve trabalhos de pesquisa escolar nas aulas que ministra?

Professor ->	RGH	CC	RLO	ANM	MIPM	RCBS	SMCD	VPRR	VD	DCF	MRT	FA
Nunca												
Raramente										X		X
Quase sempre	X	X	X	X			X	X	X		X	
Sempre					X	X						

Durante os encontros, alguns sujeitos apresentaram argumentos a partir dos quais é possível constatar certa confusão sobre o conceito de pesquisa que o professor detém, considerando a pesquisa como tarefa de casa que, segundo Resende (2004, p. 1), deve ser entendida como toda atividade pedagógica elaborada e proposta por professores, destinada ao trabalho dos alunos fora do período regular de aulas.

Para a autora essa atividade inclui exercícios escritos, leituras, resolução de problemas e atividades práticas e não somente a pesquisa. Dessa forma, tanto o dever de casa como a pesquisa são dispositivos curriculares por meio dos quais a escola concretiza seu trabalho pedagógico. Por outro lado, como a tarefa é geralmente realizada em casa, a autora argumenta que a pesquisa pode perder a sua função educativa ao ser utilizada como simples atividade de memorização e reforço.

c) Os espaços utilizados pelos docentes durante a pesquisa

O local onde as pesquisas são desenvolvidas é também um ponto que nos interessa, pois entendemos que para que o professor possa instigar o questionamento reconstrutivo por meio da pesquisa o ideal seria que essas atividades fossem executadas sempre com a presença e o acompanhamento do docente. A partir dos dados obtidos com a pergunta 3 do questionário, pudemos verificar que apenas dois professores não solicitam aos alunos que realizem pesquisa em casa para posterior entrega ou apresentação em sala de aula. Seis professores afirmaram que também desenvolvem pesquisa em sala de aula sob sua orientação ou supervisão. Do grupo pesquisado, sete profes-

sores declararam utilizar outros espaços do colégio (bibliotecas, videotecas e laboratório de informática) para a realização da pesquisa.

3. Os trabalhos de pesquisa quando solicitados por você são realizados:

Professor ->	RGH	CC	RLO	ANM	MIPM	RCBS	SMCD	VPRR	VD	DCF	MRT	FA
Na sala de aula, sob supervisão e orientação do professor	X		X	X	X		X					X
No espaço escolar (bibliotecas, laboratórios e outros) sob orientação do professor	X	X	X	X				X	X		X	
No espaço escolar (bibliotecas, laboratórios e outros) sem supervisão ou orientação					X	X				X		
Em casa, para ser posteriormente entregue ou apresentado em aula	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X

Recorremos a Demo (1990) para argumentar que se torna extremamente necessário renovar essa concepção que reduz a pesquisa a simples “tarefa de casa”. Entendemos que o professor tem como importante desafio trazer a pesquisa para dentro da escola, transformando o ambiente em um espaço positivo para que se consiga do aluno um envolvimento mais ativo, presente e motivado.

Muitos professores afirmaram solicitar pesquisas para serem realizadas em casa porque o próprio material didático que utilizam prevê essa prática em frequentes momentos. Com relação ao retorno dessas tarefas, alguns professores reconhecem que nem sempre existe a pesquisa por parte do aluno. “A maioria das tarefas retornam com textos copiados na íntegra de algum lugar!” (MIPM – professora de 6ª e 7ª série).

Percebeu-se que o material didático utilizado pelos professores não propõe atividades de pesquisa inserida no contexto da aula, durante os encontros, os identificamos em suas apostilas que todas as atividades denominadas de pesquisa constituíam-se de prescrição de atividades escolares a serem realizadas no espaço doméstico, ou seja, eram “dever de casa”.

Alguns professores mantiveram em suas falas o conceito de pesquisa relacionado com tarefa de casa ou atividade de reforço, alegando solicitar pesquisas fora do ambiente escolar devido à “falta de tempo”: “Eu aplico a pesquisa como complemento do trabalho desenvolvido em sala, normalmente não dá tempo de fazer pesquisa em sala de aula...” (RCBS – inglês – 1ª a 6ª série)

Para Nogueira (1991, p. 89), essa confusão é muito frequente entre os professores e as questões relativas ao dever de casa parecem ocupar um lugar importante como foco de dificuldades. Segundo a autora qualquer atividade educativa realizada fora do ambiente escolar envolve aspectos polêmicos como a divisão de trabalho entre escola e família, a dosagem da quantidade de dever, o sentido das atividades para o estudante e a desigualdade de condições de acompanhamento dos deveres entre diversas famílias que, em geral comprometem a qualidade e o objetivo dos trabalhos propostos.

Dos doze sujeitos que participaram do estudo, metade declarou utilizar a pesquisa inserida no contexto da sala de aula, embora pudemos notar nas falas de alguns professores que, em geral, a maioria das atividades de pesquisa eram realizadas pelos alunos em casa.

Entendemos que essas atividades só poderão ser consideradas como pesquisa se a experiência do aluno for valorizada e se o professor conseguir inovar na metodologia.

Como diz Demo (2003, p. 15): “Cada professor precisa saber propor seu modo próprio e criativo de teorizar e praticar a pesquisa, renovando-a constantemente e mantendo-a como fonte principal de sua capacidade inventiva...”.

Quando os sujeitos apontam outros espaços escolares que não a sala de aula para a realização de pesquisa, explicitam nas suas falas alguns fatores que surgem como prejudiciais ao bom andamento do trabalho. O professor VPRR disse encontrar dificuldades em explorar o laboratório de informática no desenvolvimento de pesquisas: “... os alunos acabam sem querer desviando a atenção do tema estudado. Percebo que não levam muito a sério o fato de pesquisar num PC, talvez por falta de orientação ou desconhecimento de como utilizar um computador.”

Nessa fala observou-se que o professor admite que a falta de orientação ou desconhecimento prejudica a utilização do ambiente informatizado na educação, entretanto, torna-se necessário destacar que essa orientação das atividades durante a permanência do aluno no laboratório é de responsabilidade exclusivamente do professor. Podemos inferir que esse tipo de problema só é causado devido a falta de preparo do próprio professor, que normalmente não é submetido a um programa de capacitação ou aperfeiçoamento adequado.

Brito e Purificação (2006, p. 98) destacam a importância fundamental da pessoa do professor, e não somente a simples presença dos computadores: “O uso do computador na educação tem um potencial enorme, que não está diretamente relacionado à presença da máquina, mas sim do profissional professor que firmou um compromisso com a pesquisa, com a elaboração própria, com o desenvolvimento da crítica e da criatividade, superando a cópia, o mero ensino e a mera aprendizagem”.

d) Os recursos recomendados para a realização de pesquisas

Quanto aos recursos que os professores indicam aos seus alunos como fontes de informação, os resultados apresentados por nosso estudo identificam a predominância dos materiais impressos não só como suporte às aulas, mas também em atividades de pesquisa.

Dos sujeitos que participaram do estudo, sete declararam priorizar livros, apostilas, livros didáticos e enciclopédias como fonte principal para atividades de pesquisa.

7. Enumere em ordem de preferência quais os recursos que você recomenda que seus alunos utilizem como principal fonte de pesquisa escolar.

Professor ->	RGH	CC	RLO	ANM	MIPM	RCBS	SMCD	VPRR	VD	DCF	MRT	FA
Livros e Enciclopédias	2	1	6	4	1	1	6	5	3	1	3	2
Livros didáticos / apostilas	1	2	5	6	2	3	4	2	1	2	2	1
internet	4	4	4	1	3	2	3	6	2	5	6	4
Jornais e Revistas	3	3	1	2	4	4	1	1	6	3	1	3
Rádio e Televisão	6	6	3	3	6	5	5	3	5	6	5	6
CD-ROMs, Filmes e DVD's	5	5	2	5	5	6	2	4	4	4	4	5
Outros trabalhos publicados					7							

Para Martín-Barbero (2004, p. 58-60), desde os tempos dos antigos mosteiros medievais, o saber conservou-se centralizado espacialmente e associado a um nico suporte fsico representado pelo livro. O autor afirma que a escola tende a assumir uma atitude defensiva "...que se limita a identificar o melhor do modelo pedaggico tradicional com o livro, empurrando os outros recursos, principalmente os audiovisuais, ao estigma da 'frivolidade'".

Todavia, Barbero (id., p. 61) justifica a necessidade de se combater essa tendncia, afirmando que "a realidade cotidiana da escola demonstra que a leitura e a escrita no s3o uma atividade criativa e prazerosa, por3m, predominantemente uma tarefa obrigat3ria e entediante, sem possibilidades de conex3o com dimens3es-chave da vida dos adolescentes."

Jornais e revistas t3m s3o bastante citados pelo grupo estudado, sendo que alguns sujeitos declararam esses recursos como priorit3rios em atividades de pesquisa. Pudemos t3m encontrar no grupo pesquisado, alguns professores que defendem a utiliz3o de jornais e revistas como alternativa a predomin3ncia do saber oriundo dos livros did3ticos.

No caso da internet, apenas 1 professor de todo o grupo estudado, respondeu utilizar preferencialmente esse recurso em atividades de pesquisa. 2 professores marcaram como segunda op3o esse recurso. Quando solicitados a justificar sua prefer3ncia, argumentaram que preferem esse meio "*por ser atualizado a cada momento e por ser um recurso em que todos poder3o utilizar, mesmo que seja apenas na escola*" (ANM – matem3tica – 2ª s3rie).

Alguns professores destacaram pontos que para eles s3o negativos no uso da internet em pesquisas. "*Os alunos t3m dificuldade de selecionar o essencial e t3m no l3em o que pesquisaram*" (VD – Educa3o Art3stica – 5ª a 8ª). O sujeito VPRR no recomenda a internet como fonte de pesquisa justificando: "*pele risco que ela passa para meus alunos de p3ginas e endere3os impr3prios a eles. (...) E pelo fato que os dados pesquisados nem sempre s3o seguros e verdadeiros*".

Para o professor FA, "*pesquisar na Internet 3o f3cil e r3pido, mas deixa o aluno pregui3oso com as demais fontes de pesquisa, l3em poucos livros.*"

O sujeito MRT v3 na c3pia de conte3dos o principal problema com o recurso:

"... os alunos s3o copiam, no l3em".

Outros problemas destacados pelos professores frente ao uso da internet s3o relatados a seguir:

- "Uso pouco o laborat3rio de inform3tica porque no tem uma pessoa pra me auxiliar com os computadores" (RGH – matem3tica e ci3ncias – 3ª e 4ª s3rie).
- "No laborat3rio a aula vira uma bagun3a s3o! 3o uma gritaria, um "correcorre", uma fala3o, no 3o nada f3cil manter o comportamento durante o tempo que a gente passa na inform3tica com eles!" (ANM – matem3tica – 2ª s3rie)
- "No (utilizo), acho que ainda no tenho conhecimento e dom3nio suficiente na 3rea para trabalhar com os alunos"(RLO – 1ª s3rie).

Em rela3o aos itens mencionados acima, novamente cabe-nos destacar a fundamental necessidade de iniciativas que visem 3o forma3o continuada desses profissionais como nica forma de se solucionar tais problemas.

Para Sampaio e Leite (1999, p. 69), tanto a forma3o inicial como a continuada, atrav3s de programas de capacita3o cont3nuos, "podem possibilitar aos profissionais analisar criticamente as transforma3es da realidade e agir sobre elas, construindo e praticando novas propostas pedaggicas que estejam voltadas ao atendimento das necessidades populares."

Entendemos que a insegurança causada pela falta de conhecimento ou domínio dos recursos compromete os objetivos de uma proposta de trabalho que se utiliza da informática em sala de aula. O trabalho da escola se materializa por meio do trabalho do professor, porque é ele quem orienta o processo educativo. Mesmo não sendo o único responsável pelos resultados obtidos na atuação escolar, as suas atitudes e posturas são determinantes na solução dos problemas que surgem durante o fazer pedagógico, pois segundo Sampaio e Leite (id., p. 102):

A utilização das tecnologias na sala de aula só auxiliará o desenvolvimento de uma educação transformadora se for baseada em um conhecimento que permita ao professor interpretar, refletir e dominar criticamente a tecnologia. Isto porque o contato que os alunos terão com essas tecnologias na escola se diferenciará daquele que os meios de comunicação e a vida diária proporcionam. Será um contato orientado por um professor capaz de analisar criticamente essas tecnologias, criar situações e experiências a partir da realidade do aluno (hoje povoada pelas tecnologias), para, construindo e praticando novas propostas pedagógicas, auxiliá-lo na construção de conhecimento, com vistas a atuar nessa realidade de maneira crítica e criativa.

Mesmo com os problemas acima relatados, percebemos por parte dos professores o interesse de se integrar as tecnologias na sua prática docente. *“Apesar de alguns percalços, acho muito bom, pois é necessário levar os alunos a compreenderem o uso da tecnologia e acompanharem sua permanente renovação, mas tomando cuidado pra que os sites pesquisados sejam confiáveis”*. (RGH – matemática e ciências – 3ª e 4ª série).

O sujeito SMCD analisa uma prática pedagógica que é bastante comum, quando refletindo sobre sua própria prática, afirma: *“Acredito que a maioria dos professores faz uso do laboratório de informática de uma forma descontextualizada do conteúdo, eu mesmo já levei os alunos lá e mandei que pesquisassem algo que não tinha nada a ver com o conteúdo trabalhado só pra passar tempo!”*.

Brito e Purificação (id., p. 49), levantam alguns problemas gerados em decorrência dessa descontextualização do uso dos recursos da área da informática. As autoras destacam o fato de o currículo das escolas não ser pensado a partir do uso dos computadores, *“... o que se trabalha no laboratório não tem nenhuma relação com os conteúdos trabalhados em sala de aula.”*

Um outro aspecto que as autoras apontam diz respeito à desqualificação do trabalho do professor, que passa a ser um *“... mero ‘executor’ de ‘pacotes’ de softwares.”* (id., p. 53). Nesse sentido, as autoras argumentam que dentro de uma capacitação reduzida e insuficiente, o professor muitas vezes aprende a utilizar somente um aplicativo ou um pacote de softwares que veio junto com os computadores e acaba repetindo somente aquilo que aprendeu, tendo medo de propor atividades inovadoras.

e) As práticas adotadas pelos professores antes ou durante a pesquisa

Outro fator que nos torna apreensivos é que se pode perceber por parte dos sujeitos uma preocupação excessiva com a estrutura dos trabalhos de pesquisa em detrimento de seu conteúdo. Os relatos a seguir demonstram que na maioria das vezes a preocupação é com a seqüência estrutural das atividades sugeridas: *“Na maioria das vezes eu passo o assunto para o aluno e estabeleço a estrutura que eles devem me apresentar, tipo: capa, introdução, desenvolvimento... aí eu estabeleço o prazo de entrega.”*(CC – professora de ciências – 5ª série). *“As pesquisas são realizadas individualmente, seguindo uma seqüência de ordem, capa, introdução, desenvolvimento, anexos, conclusão*

e referências. É muito importante a data de entrega e avaliar os elementos fundamentais da estrutura pedido na pesquisa”. (RCBS – professora de inglês – 1ª a 6ª série)

Eu sempre dou preferência para as pesquisas realizadas em sala de aula pelo fato de me certificar que é o aluno que está realizando a atividade proposta, mas nem sempre dá tempo. Primeiramente eu organizo o tema, é importante despertar a curiosidade do aluno em relação ao assunto e a importância do trabalho dando um objetivo. Passo as orientações de como e onde pesquisar, os cuidados que devemos ter com os dados e as referências bibliográficas. Divido os temas em equipes e posteriormente eles apresentam para a turma ou entregam texto para mim.

(VPRR – professora de português, história e geografia 3ª e 4ª série)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar as visões de docentes acerca da pesquisa mostrou-se, neste estudo, uma tarefa bastante complexa frente à indagação das reais finalidades de uma proposta verdadeiramente inovadora no uso da internet como meio para a utilização de recursos tecnológicos na educação.

Compartilhando da idéia de Demo (2003, p. 6) de que a “base da educação escolar é a pesquisa, não a aula, ou o ambiente de socialização, ou a ambiência física, ou o mero contato entre professor e aluno”, e buscando compreender o significado mais profundo contido nos depoimentos dos 12 professores que participaram dessa pesquisa-ação, com base nas leituras e reflexões possibilitadas pela literatura utilizada, foi possível perceber a importância de se ter um entendimento claro sobre o que é “pesquisa” e qual o seu papel na educação, para que se possa promover qualquer ação que busque utilizar as tecnologias de informação e comunicação na ação docente.

A concepção de pesquisa mostrou-se contraditória nos depoimentos dos entrevistados. Os significados que emergem dos depoimentos dos professores sobre a pesquisa em sala de aula parecem demonstrar que existe o interesse e a compreensão da importância da pesquisa para o processo educativo; o que se verificou é a dificuldade em viabilizar, na prática, ações que realmente refletissem o caráter emancipatório da pesquisa.

Durante esse trabalho, pudemos perceber a necessidade de uma transformação na concepção de pesquisa que o professor manifesta, tendo em vista a desarticulação identificada entre o discurso do professor sobre o entendimento do que é “pesquisa” e suas atitudes concretas durante a realização de atividades de pesquisa em sua prática docente.

A importância e a extrema necessidade da formação continuada dos professores para o uso de tecnologias informacionais e de comunicação (TICs) em atividades de pesquisa na escola é o que podemos depreender desta etapa do estudo. Sobre isso, André (2001, p. 86) aponta para o fato de que “o processo de formação docente precisa se estender ao longo do tempo e ter monitoramento contínuo (...) Deve ser ter um acompanhamento qualificado, ou seja, prever a existência de pessoal tecnicamente bem preparado para assessorar as professoras nas suas buscas e dificuldades”.

O que se defende é que não basta somente a iniciativa de se promover cursos específicos para atender uma ou outra área técnica. O que de fato se torna necessário é um esforço coletivo para fazer avançar a reflexão baseada na prática cotidiana do professor, onde se questionem e discutam problemas, dificuldades e angústias inerentes à própria ação do docente.

Torna-se necessário continuar investigando os potenciais que a tecnologia informacional proporciona e quais os melhores caminhos para utilizá-las de forma inovadora na educação. Assim:

Para que as tecnologias não se constituam apenas em uma novidade e não se prestem ao disfarce dos reais problemas existentes, julgamos conveniente que os professores compreendam e aceitem que, atualmente, as mudanças nos proporcionam os instrumentos necessários para respondermos à exigência quantitativa e qualitativa de educação, que esta mesma provoca. O que precisamos saber é como reconhecer essas tecnologias e adaptá-las às nossas finalidades educacionais. (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2006, p. 33).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, M. (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papyrus, 2001.
- BARATO, J. N. *Escritos sobre tecnologia educacional & educação profissional*. São Paulo: Senac, 2002.
- BECKER F. *Educação e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: ArtMed, 2001.
- BRITO, G. S.; PURIFICAÇÃO, I. *Educação professor e Novas Tecnologias: em busca de uma conexão real*. Curitiba: Protexto, 2003.
- _____. *Pescópia no ciberespaço: uma questão de atitude na educação*. In: *Revista diálogo educacional*, Curitiba – Paraná, v. 5, n. 15, p. 75-86, 2005.
- _____. *Educação e novas tecnologias um re-pensar*. Curitiba: Ibpx, 2006.
- CHESNEAUX, J. *Modernidade-Mundo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.
- DEMO, P. *Pesquisa – princípio científico e educativo*. São Paulo. Cortez, 1990.
- _____. *Educar pela pesquisa*. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- FREIRE, P. *Sobre educação: diálogos/ Paulo Freire e Sérgio Guimarães*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- KAMPPF, A. J. C. ; DIAS, M. G. C. Reflexões sobre a construção do conhecimento em ambientes de pesquisa e de autoria multimídia: uma tarefa compartilhada por alunos e professores. In: *Renote Revista Novas Tecnologias na Educação*. Porto Alegre: v. 1. n. 2, 2003.
- MACEDO, E. F. Novas tecnologias e currículo. In: MOREIRA, A. F. B. (Org.). *Currículo: questões atuais*. 3. ed. Campinas : Papyrus, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. 2. ed. Tradução: Jacob Gorender. São Paulo: SENAC, 2004.
- MARTUCCI, E. M. et al. Requalificação da pesquisa escolar: um compromisso social do departamento de referência da biblioteca comunitária da UFSCAR com o ensino fundamental e médio. [CD_ROM] In: *Seminário Nacional de Biblioteca Universitária*, 11, Florianópolis, 2000. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2000.
- MORAN, J. M. Desafios da Internet para o professor In: MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília: Cortez: UNESCO, 2000.
- NOGUEIRA, M. A. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa. In: *Teoria & Educação*, n. 3, 1991.
- PERRENOUD, P. Administrar a progressão das aprendizagens. In: PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- RESENDE, T. F. Dever de casa: questões em torno de um consenso. In: *Sociologia da Educação*, n. 14, 2004.
- SAMPAIO, M. N.; LEITE L. S. *Alfabetização tecnológica do professor*. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

ABSTRACT

The present study analyzes the research concepts which permeate the work of teachers when they propose activities that involve the internet as information source. It has tried to understand the reasons why some teachers manifest a limited vision of research as a mere copy, transcription or transference of contents, without any critical reflection on its real significance as a teaching activity. The investigation was carried through with twelve teachers of a private school at the city of Castro, about 150 kilometers from Curitiba. The data has been collected by means of the application of a questionnaire followed by semi-structured interviews. Although all of them recognize the importance of research in the educational process, their speech discloses incoherent points between their concept of research and practices developed in their teaching action. What emerges from these speeches is that although teachers are interested in including research in the educational process, there is a great difficulty in developing actions that reflect its emancipatory character. The study has demonstrated, furthermore, that changing the concept of research is essential to the exploitation of any technological resources in educational practices.

Keywords: *research conceptions; teachers' education; technology in education.*